

Schneider Arnd and Wright Christopher (Editors).

Contemporary Art and Anthropology,

Berg, Oxford, NY, 2006, 220pp.

Entre Arte e Antropologia: diálogos e apropriações

"Ciência e arte são praticamente indissociáveis durante as fases de observação e de meditação - para se distinguirem nos discursos - se aproximam nos momentos da classificação e se separam definitivamente nos seus resultados."

Paul Valéry

"Existe uma antropologia da arte e do fazer artístico, do mesmo modo que existe uma antropologia que é arte, se debatendo com as velhas teias que separam a arte da ciência. Este livro lança o incrível desafio da combinação das forças da Arte e da Antropologia em favor de ambas."

Michael Taussing (quarta capa)

A relação entre Arte e Ciência é um dos temas dos mais complexos e evolutivos, sempre dependendo do contexto histórico e do objetivo desta "relação". Por isto, resolvi começar esta resenha do livro *Contemporary Art and Anthropology* com uma visão ampla e clássica deste problema epistemológico. Assim, para Paul Valéry, as relações entre a Arte e a Ciência evoluem de acordo com as diversas fases ou momentos da pesquisa, isso para, como ela o explica: *se separar definitivamente* no final. Essa visão metódica é bem representativa do pensamento classificador do século XX que demons-

tra que a diferença entre arte e ciência era visto do ponto de vista formal: Arte e Ciência produzem resultados de natureza diferentes. Não há ambigüidade, não há contaminações ou aproximações de um campo para outro... não há relações possíveis. Este tipo de divisão radical está sendo questionado hoje tanto pelos artistas quanto pelos antropólogos que procuram, com razão, reativar os diálogos entre Ciência Humana e Arte, mostrando que uma relação é não somente possível mas que ela permite a *combinação das forças dos dois*.

De fato, hoje, quando as categorias artísticas

se convertem em conceitos de antropologia, quando a arte procura ir além de uma busca ascética do visual, época também em que se afirma a necessidade de lidar com a condição humana e de reencarnar o pensamento visual na sensação da existência, a Antropologia está envolvida tanto nos processos de pesquisa de campo da Arte, quanto nos processos de criação e expressão artística.

Trabalhando a partir deste novo contexto interdisciplinar, os organizadores do livro *Contemporary Art and Anthropology* procuram estimular novos diálogos produtivos entre a Antropologia e a Arte Contemporâ-

nea, criando as bases para colaborações entre os dois domínios e colocando em evidência as possibilidades de compartilhar estratégias e práticas nos dois lados. Os autores pretendem mostrar, através de vários exemplos artísticos (Anthony Gormley, Gillian Wearing, Bill Viola, Christian Boltanski, Susan Hiller...) como as práticas artísticas contemporâneas, tanto nos seus processos de apropriação quanto nos seus processos criativos, podem contribuir ao saber e ao saber-fazer antropológico. Num primeiro momento, os autores procuram examinar as diferenças e as similaridades entre as metodologias artísticas e antropológicas nas suas práticas de representação do Outro: Como as práticas artísticas podem ampliar e apoiar as práticas antropológicas? e vice-versa?

Os autores insistem, ao longo do primeiro artigo introdutório, sobre a timidez em relação às práticas experimentais nos dois campos, e isso apesar deles terem muito em comum: - Os antropólogos produzem teoria escrita, os artistas obras de arte

- Os artistas

usam as metodologias e teorias antropológicas como modelos, e os antropólogos dialogam as vezes com as formas de representação do outro apresentadas pelos artistas visuais. A partir deste diálogo prático, as diferenças entre Arte e Antropologia deixa de ser barreira para contribuir diretamente ao desenvolvimento e afinamento das metodologias de pesquisa nos dois campos.

- Artistas e antropólogos compartilham a mesma dimensão prática das suas atividades, atividades nas quais eles se apropriam do e representam o Outro. Tanto os artistas quanto os antropólogos trabalham com os conceitos de *distância* e de *intimidade*, uma intimidade ligada às práticas de pesquisa e às formas de descrição utilizadas; Ambos sabem lidar e se situar entre o público e o mundo, entre o dentro e o fora, entre o individual e o coletivo. Neste sentido, a questão da *apropriação*

se torna primordial, tanto no fazer antropológico quanto nas práticas artísticas contemporâneas. Aliás, a apropriação das diferenças culturais pela arte não é nem nova nem recente... e pode ser vista como fundadora na história da Antropologia.

A partir deste *paradigma compartilhado*, a idéia deste livro é de ajudar os artistas à se apropriar das metodologias e teorias dos antropólogos, e vice-versa. A questão da apropriação constitui o motor epistemológico deste ensaio coletivo e os autores desvelam muitas formas de apropriação de metodologias e de temas de uma disciplina para outra. Comparando o diário de campo aos cadernos de esboços e anotações dos artistas, a prática de residência artística com a prática de campo antropológico, como também os usos de releituras, citações, referências pelos dois campos, os autores apontam para soluções práticas e interdisciplinares de *fazer arte com antropologia* e *antropologia com arte*.

Nesta coletânea de artigos, uns escritos por antropólogos como Geor-

ges E. Marcus, outros por artistas como César Patermosto, e outros apresentados sob a forma de diálogos entre artistas e antropólogos, os organizadores procuram apresentar uma nova maneira de ver e entender as práticas de representação, tanto na Arte quanto na Antropologia. Para estimular diálogos férteis entre as duas áreas, os autores colocam em evidência as similaridades práticas entre as duas disciplinas, mostrando também as resistências de cada campo um ao outro. Ao invés de discutir o que é arte e o que não é, o que é antropologia visual e o que não é (já perdemos muito tempo com isso) os autores privilegiaram uma forma bem mais produtiva de pensar essa relação complexa: Complementaridade. Pensá-la em termos de diálogo, de relação, de utilização orientada na prática específica de cada uma das duas áreas. O resultado esperado seria a estimulação dos dois campos para apropriarem-se um do outro, usar o outro campo sem deixar de vista os seus objetivos específicos. Este excelente livro abre muitas pistas práticas, muitas

possibilidades teóricas, e ao invés de fechar cada campo sobre si mesmo ele professa uma apropriação *à la carte*. Só o fato do livro ser destinado tanto aos artistas quanto aos antropólogos já diz muito sobre a validade desta proposta, em termos de prática, de criatividade de pesquisa e de publicação, para ambos campos.

Ao mesmo tempo que a Antropologia precisa de novas formas de lidar com imagens, criatividade e arte em geral, os artistas devem aprender a lidar de forma mais aprofundada com as teorias das diferenças culturais, já que eles insistem em usá-las. Analisando a imagem como um objeto social, o artista, enquanto antropólogo, não pode deixar de participar dos diálogos recentes entre Arte e Antropologia. Os autores acreditam no potencial produtivo desses novos diálogos, apostam nestas novas parcerias, pois através da criação de novas estratégias de representação, os antropólogos e os artistas explorarão novas possibilidades visuais para compartilhar, produzir e mostrar os seus trabalhos com pessoas das mais diversas áreas de

conhecimento. O papel de um livro depende, em geral, do contexto no qual ele é lançado. Neste caso, diria que este chegou na hora certa, pois o campo estava sendo preparado há anos... No Brasil, várias publicações participaram deste debate: o livro *O Fotográfico* organizado pelo prof. Etienne Samain da UNICAMP foi o primeiro a juntar discussões sobre antropologia visual e fotografia num só livro; O projeto temático *Escrituras da imagem* e as suas publicações, organizado por Sílvia Caiuby Novaes, vai deste mesmo sentido, o de abrir um diálogo analítico e produtivo entre Arte e Antropologia.

Mas as resistências continuam, tanto para os Antropólogos, quanto para os artistas, que insistem muitas vezes em dividir os resultados, numa perspectiva *exclusivista* como descrita por Paul Valéry no início deste ensaio. Lembro-me de uma sessão de apresentação do filme *Santo Forte*, por seu diretor Eduardo Coutinho, na qual, depois de explicar o quanto a ajuda de uma antropóloga foi essencial para a realização deste documentário, perguntei se ele fazia *antropologia*

visual?... a resposta foi radical: não sou cientista, sou um artista... como se uma coisa excluísse a outra. Num outro contexto, a apresentação do programa da *EXO: Arte e política*, pela curadora francesa Catherine David, tentei discutir com ela o uso dos conceitos antropológicos nas práticas de curadoria de arte contemporânea... o diálogo não foi possível, pois apesar de ela usar muitos conceitos da teoria antropológica urbana, a curadora terminou a discussão afirmando que o trabalho dela não tinha nada a ver com Antropologia. Respondi então que o fato de ela usar conceitos antropológicos não fazia necessariamente de la uma antropóloga...: fim do diálogo. Do lado da Antropologia, é no meu próprio percurso acadêmico que senti as diversas resistências à Arte e também as suas recentes aberturas. Por exemplo, foi muito difícil convencer a minha orientadora Eliane de Latour da EHESS de incluir fotografias realizadas por outros fotógrafos no corpo da minha tese de doutorado sobre a corporeidade carioca, pois ela, apesar de ser antropoló-

ga visual, me explicou que essas imagens não eram de natureza *antropológica*, pois não revelavam um contexto antropológico inteiro.

Realizando meu pós-doutorado na UNICAMP em Artes, Antropologia e Comunicação visual, sob orientação do prof. Etienne Samain, senti e experimentei pela primeira vez, uma certa liberdade criativa em relação à apresentação final de uma pesquisa de antropologia. Com base em alguns estudos preliminares em antropologia das aparências corporais, meu projeto de pós-doutorado foi de aplicar esta proposta metodológica ao domínio do multimídia e das artes visuais. Os resultados desta pesquisa foram publicados sob a forma de um vasto banco de conhecimento hiperâmnia sobre as aparências corporais <http://opuscorpus.incubadora.fapesp.br>. A originalidade desta proposta consiste em trazer uma maneira de pensar o corpo de um campo (Ciências humanas) para um outro (Artes) e, ao mesmo tempo, pensar uma nova forma de publicação sobre o corpo: uma criação de arte digital. Estava no início de uma

transformação que, rapidamente, me levou a me associar com um artista, Rodrigo Novaes, com o qual eu trabalho com as Artes Visuais (Malysse&Novaes, *Politicagem*, Festival da Cultura Inglesa, 2005)

Se, como o explica Joseph Kosuth, "*o artista é o modelo do antropólogo engajado*", um dos melhores exemplos, no Brasil, dessas potencialidades produtivas e críticas de diálogos entre Arte e Antropologia é, ao meu ver, a obra de Kiko Goifman. Kiko Goifman, no CD-Rom *Valetes em slow motion* (1998), apresenta um ambiente *noir*, ambiente que lhe influenciou certamente na realização do seu novo filme *33*, a partir de uma pesquisa de campo em antropologia, realizada em três instituições: o Centro Reeduacional de Neves/ MG, o 5 Distrito Policial de Campinas e a Penitenciária 1 de Campinas. Neste CD, navegamos dentro de uma cadeia de forma interativa. A cada instante, ficamos atentos aos vídeos, sons, textos e falas que ajudam o navegador a penetrar neste universo "fechado", produzindo uma sensação de aprisionamento. Estamos, como no caso das

obras do Chris Marker, em relação íntima com imagens-afeição, neste caso, imagens duras, falas dolorosas e observações contundentes. São eventos multimeios que não deixam um segundo o leitor-voyeur fora da cadeia. O peso da prisão e dos presos estão em todos os micro-eventos pautados pelo CD. O mais interessante desse trabalho é a criação multimeios realizada em total acordo com os resultados da pesquisa antropológica. Segundo o artista-antrópologo, não se deve:

acreditar na objetividade intrínseca, ontológica à imagem, na descrição de dada realidade, já que escolhas e manipulações são características do ato de pesquisa, independente da forma de abordagem dos sujeitos estudados, marcada pela lógica da visualidade e oralidade ou escrita (Goifman, 1998).

De fato, este CD-Rom consegue descrever de forma sensível o universo das prisões, em que a atenção do navegador está estimulada de forma engenhosa pela

arquitetura de navegação do CD e pela riqueza de depoimentos, vídeos e outros dados de pesquisa. Verdadeiro panóptico digital, o CD-Rom abre as possibilidades de tratamento dos dados de campo e aproveita as possibilidades dos multimeios para descrever as particularidades do tempo vivenciado na prisão. Obras de Arte, monografias de Antropologia, toda a produção documental de Kiko Goifman consegue combinar as forças dos dois campos sem se perder nos limbos de uma teoria não engajada, pois desde o primeiro trabalho até o seu último filme, *Atos dos homens* (2006), ele demonstrou uma grande capacidade de usar antropologia na sua prática artística, sem nunca deixar de ser considerado antropólogo: ele foi homenageado na última sessão do Encontro Nacional do ANPOCS (2006).

Para concluir esta resenha sobre a relação entre Arte e Antropologia, não posso deixar de citar um outro livro essencial para entrar neste debate. A publicação em 1992 do

livro *Art and Agency*, por Alfred Gell reconfigurou e reanimou profundamente essas relações. Para Gell, os objetos de arte nos fazem imaginar as diversas intenções ligadas à sua produção, e as obras são representadas como se tivessem intenções próprias. Considerando os objetos de arte como indicadores do que as pessoas que os fabricaram ou usaram tinham em mente, Gell mostra que, em qualquer obra de arte se encontram diversas redes de intencionalidades (ou *Agency* em inglês). Essa passagem de uma estética para uma *intenção artística* abre uma pista verdadeiramente antropológica para discutir a arte e praticar a antropologia: Qual é a lógica do homem na arte? Sem dúvida, este novo livro ajudará a responder a este enigma, mostrando até que ponto as respostas de hoje estão nos diálogos interdisciplinares, nos encontros de pessoas de formação diferentes e com propostas distintas...

Stéphane Malysse *

* Antropólogo visual, webdesigner, crítico de artes e professor de Arte e Literatura brasileira na EACH da USP (Leste). Doutor em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS /Paris), ele realizou o seu pós-doutorado, sob a forma do website Opus Corpus, no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP (SP). E-mail: malysse@terra.com.br

Bibliografia

Banks, M. & Morphy, H. (Editors),

1997. *Rethinking Visual Anthropology*. London: Yale University Press.

Bloch, M.,

1999. "Une nouvelle théorie de l'art", *TERRAIN*, 32, Le Beau.

Caiuby Novaes, S. (org)

2004. *Escrituras da imagem*, Edusp/Fapesp, SP.

Gell, A:

1992. *Art and Agency: An Anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press.

Goifman, K.

1998. *Valetes em slow motion - a morte do tempo na prisão: imagens e textos*, Campinas: Editora UNICAMP

Malysse, S.

2000. "Um olho na mão: imagens e representações de Salvador nas fotografias de Pierre Verger" *Revista Afro-Asia* n°24, p 325-366, Salvador.

2003. "Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto ?" in *Corpo&Imagem*, Wilton Garcia (org), Editora Arte e Ciência, SP, 2003.

2005. OPUS CORPUS: *Antropologia das aparências corporais*, <http://opuscorpus.incubadora.fapesp.br>; Publicação on-line realizado em colaboração com a produtora Paleo TV.

Samain, E. (org) ,

1998. *O fotográfico*. FAPESP/HUCITEC, SP,